

W. 2. 3. 4.

438

Camões
C

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CAMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



PORTO

Imprensa Portuguesa

—
MDCCLXXXVII

LINO D'ASSUMPTO

LINO D'ASSUMPÇÃO

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CAMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



M 37.547

PORTO

Imprensa Portuguesa

—
MDCCLXXXVII



A

ANTHERO DE QUENTAL


MEU MESTRE E MEU AMIGO

CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



Bristol, 15 de junho.

Meu caro amigo,

 *E eu tivesse a divina faculdade improvisadora de Ariosto ou essa colossal facilidade á Dumas, que cria uma obra entre dois cigarros—não deixaria decerto, pela muita sympathia que U. me merece, de satisfazer o seu pedido d'um prologo quasi pela volta do correio.*

Infelizmente, para mim o trabalho

não é um doce deslizar pela corrente serena do ideal — mas uma subida arquejante por uma dura montanha acima. As deseseis ou vinte paginas que V. me pede, á pressa, levar-me-hiam um longo tempo a escrever — e eu teria de interromper obra que está na forja, quente e fumegando, para ir malhar outro ferro. Não sei além d'isso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sonetos; se obedecesse ao meu impulso natural diria apenas uma palavra: isto é doce-mente lindo, — e não saberia accrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a Evolução Moderna da Poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.

Os seus sonetos, para encantarem,

não necessitam dos meus laboriosos commentarios. Se os Rouxinoes, por motivos philosophicos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um critico habil que lhes explicasse o canto — deve confessar, meu caro Araujo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idyllio e todo o seu mysterio. As obras de arte devem fallar por si mesmas, explicar-se por si mesmas, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. Acompanhar um livro de versos de critica já feita, é querer impôr um guia á emoção do leitor. O leitor detesta isto. Creia que os seus sonetos serão mais bellos, vistos sós, na sua pureza esculptural de linhas nobres — sem lhes pôr em redor toda

a complicação da minha prosa. O meu prologo seria um bocado de chumbo atado á aza d'uma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficar-lhe-hão agradecidos.

De resto, como lhe disse, a difficuldade é U. ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araujo,

Seu muito dedicado

Eça de Queiroz.



PROLOGO



RENASCENÇA



*Resurgem os hellenicos primores;
Circula um sangue ardente, que espadana;
Luthero queima altivo a Lei romana:
Cortam o espaço os gritos e os condores.*

*Chora, junto da flôr dos seus amores,
Miguel Angelo, essa alma sobrehumana;
Cresce o delirio da paixão insana:
Chora a Virgem na têla dos pintores.*

A terra anceia de enthusiasmo e lucto.

Loyola surge. O eterno Benvenuto

Vibra o stylête, rapido, certoiro:

Colombo e Gama encontram mundos novos,

E echôa, entre a alvorada de cem povos,

O genio Lusitano aventureiro. . .



NA IGREJA DAS CHAGAS



NA IGREJA DAS CHAGAS



*Visão celeste! Olhou-a, e num momento,
Elle, o famoso trovador ousado,
Sentiu como que prezo o pensamento
Aquella fronte dum palôr maguado!*

*Ella tremia, vendo-o, como ao vento
Treme a haste dum lirio immaculado . . .
Ouvia-se no templo um psalmear lento,
Ante o immovel Jesus crucificado.*

*Que poema de amor sereno e dóce,
Aquelle seio avelludado trouxe
Esse heroico perfil, meigo e suave?*

*A Santa Virgem baixa o olhar dorido,
E um suspiro revôa, enternecido,
Da austera igreja na sombria nave!*



JUNTO DA BOA INFANTA



JUNTO DA BOA INFANTA

A Leopoldo Alas



*Nos serões da Ribeira, a cõrte ouvia
As canções fugitivas e graciosas,
E o vulto da Nathercia estremecia
Do Poeta às endechas amorosas.*

*Como o orvalho nas petalas das rosas,
O seu timido olhar assim cahia
Sobre o cantor das coisas mysteriosas,
Que o pensamento lhe roubara um dia.*

*E a boa Infanta, no seu throno, amante,
Venturosa no candido semblante,
Protegia esse par enamorado. . .*

*Tudo luz! Que fulgores no horisonte!
Elle surria. . . ella baixava a fronte. . .
Que destino, o de amar e ser amado!*



O AUTO DE EL-REI SELEUCO



O AUTO DE EL-REI SELEUCO

Ao sr. Wilhelm Storck



*No Oriente, um rei antigamente houvera,
Em cujo coração radiava o brilho,
Que a lua pôe no languido tomilho,
Pelas noites leaes da primavera.*

*Seguia o humano e generoso trilho
Da san virtude protectora e austera,
E, por dar vida ao coração do filho,
Uniu-o á propria noiva que escolhera.*

Drama simples e epico. Entretanto

D. João Terceiro, attonito de espanto,

Revê no duro espirito sombrio

Do morto pae o thalamo invejado,

E á allusão de Camões, ruge, tomado

Dum odio intenso, inabalavel, frio!



NA DERROTA DA INDIA



NA DERROTA DA INDIA

A Platon de Waxel



*A' noite, como um dobre funerario,
O vento bate nas infladas velas;
Sobre o espelho do mar, vasto sudario,
Erra a luz palpitante das estrellas.*

*Eterno scismador e visionario,
Camões procura o rastro das procellas . . .
Na amurada da nau, vê solitario
Apparições fantasticas e bellas.*

*À flôr das aguas, surgem as ondinas.
Abandonando as grutas crystalinas
Boiam, cantando, as limpidas sereias.*

*O mar embala a nau no dorso allivo,
E ha como um sopro rude e primitivo,
Um frêmito gigante de epopeias!*



OLHANDO O TEJO



OLHANDO O TEJO



*Em noites calmas de luar tremente,
Quando na altura se entreabriam flôres,
— Lírios de luz suavíssima e cadente,
Os astros virginaes e scismadores,—*

*E palpitava o hymno dos amores,
Que a Natureza, esse maestro ingente,
Executa nos montes sonhadores,
Entre as florestas e no mar dormente,*

*Das janellas do paço da Ribeira,
Nathercia procurava a larga a esteira
Dos fortes galeões aventureiros,*

*E conculso lhe arfava o seio brando,
«Para o ceu cristalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos»...*



NA GRUTA DE MACAU



NA GRUTA DE MACAU



*No seu retiro placido, sonhando,
O Poeta evoca das regiões da Morte
Os heroes legendarios, que ao seu mando
Erguem a fronte valorosa e forte.*

*Toda a sublime e varonil cohorte
Dos que a Patria elevaram, batalhando,
Diante dos seus olhos vae passando,
Sem que a desgraça o animo lhes corte.*

*Extatico e solemne, esse vidente
Sente pulsar o coração vehemente,
Ao fogo que no peito se lhe ateia;*

*Cinge-o o clarão do genio triumphante,
E, como austera e religiosa amante,
Beija-o na fronte a Musa da epopeia!*



O NAUFRAGIO



O NAUFRAGIO

A F. Giner de los Rios



*O mar bramia irado e mysterioso:
Era o ceu o cõr de chumbo, e a tempestade
Rolava, pela torva immensidade,
Num impeto fatal e tenebroso.*

*No profundo oceano procelloso,
A nau se afunda, que o terror invade,
E o abismo abafa prestes, sem piedade,
Das victimas o cõro desditoso.*

*E em meio de pavôr e furia tanta,
Um peito bronzeo, heroico, se alevanta,
Contra as ondas luctando, triumphal,*

*E arrancando do mar ao seio bravo,
Dum povo prestes a morrer escravo,
A sagrada legenda sepulchral.*



VISÕES DO CARCERE



VISÕES DO CARCERE

A Carros Enriquez



*Vergado ao pezo de crueis revezes,
Na aspereza do carcere, Camões
Cuja dôr e heroismo são arnezes,
Da Sorte contra os rigidos baldões,*

*Quantas vezes, anciando,—quantas vezes!—
Da nau enevoada das Visões,
Deslisa, pelos tremulos convezes,
Perdida a mente em doidas illusões!*

*Sonho de amor, dulcissima miragem,
Surri-lhe, a espaços, a formosa imagem
Da sua amada, palida, anhelante. . .*

*Mas, subito, o seu claro olhar turbou-se:
—A bella Ignez elle entrevira dôce,
Morta, nos braços do seu regio amante!*



ETERNO AMOR



ETERNO AMOR

A Luis Murat



*Barbara, a doce e timida captiva,
Que de vezes erguia o olhar nublado,
Aquella fronte vasta e pensativa,
Aquellè rosto varonil, rasgado!*

*Morta de amor, ella tremia viva,
Ao sopro desse amor immaculado,
Que o amor é a emanação donde deriva
O Bem, que pelo mundo anda exilado.*

*E enquanto o sol, a esmorecer, beijava,
Da extrema do horisonte, a pobre escrava,
Absorta e preza nesse amor bemdito,*

*Camões, extatico, ia soletrando
O nome da Nathercia, suave e brando,
Em circulos de luz, pelo infinito. . .*



NOITE ESCURA DE ALMA



NOITE ESCURA DE ALMA

A Léon Janssen



«—Não lhe colher o derradeiro beijo!
Não a velar, no derradeiro instante!
Bateu as azas em perenne adejo,
Voou à Eterna Região distante.

Pobre flôr! no seu palido semblante,
Como uma aspiração, como um lampejo,
Um poema chorava soluçante,
Que a morte era o seu unico desejo.

*E a morte não tardou, lirio celeste,
Suavissima criança, que vieste
Iluminar-me um dia o pensamento!»*

*...E as nuvens desmaiavam pelo espaço,
E aquelle peito inabalavel, de aço,
Vergava, como um canaveal ao vento!*



EM FRENTE DA PATRIA



EM FRENTE DA PATRIA

A Armando Palacio



*Avistava-se a terra, anciosamente
Sonhada no mar largo e no rigor
Do fulvo exilio marcial do Oriente,
Entre longos prodigios de valor.*

*Avistava-se a terra, e doidamente
OuvIU-se um como frêmito de amor . . .
A marinhagem sobe aos mastros, sente
Chegado o fim da inenarravel dor.*

Mas nesse instante—ó magua indefinivel!—
Ouve-se um grito intimo, terrivel,
E Heitor cae morto, em grandes convulsões...

—Morto! na flor das illusões mais bellas!
E as lagrymas rolavam, como estrellas,
Nas faces enrugadas de Camões...



A LEITURA DA EPOPEIA



A LEITURA DA EPOPEIA

Ao Baron Ch. de Tourtoulon



*Camões lê. El-rei ouve commovido
Junto à côrte curvada e silenciosa:
. . . «Brame convulso o Adamastor vencido,
«Venus applaca Jupiter, piedosa.*

*«Ignez murmura o ultimo gemido,
«Passa dos Doze a ala victoriosa;
«E o velho do Rastello, espavorido,
«Conjura as naus da armada clamorosa.*

«*Evocada do tumulto, surgia*
«*A doce e formosissima Maria,*
«*Alvo contraste do perfil do Gama.*»

«*A Cruz fulgura illuminando o Oriente . . .*»
. . . *A côrte escuta, e El-rei, formoso e crente,*
Contempla a Gloria, que de longe o chama!



PRELUDIOS DA CATASTROPHE



PRELUDIOS DA CATASTROPHE

A Jayme de Séguier



*Uma immensa mortalha de tristeza
Cobre a cidade, festival outrora,
Longe os tempos da rigida firmeza,
A rota plebe, esmorecida, chora.*

*Sumiram-se os vestigios da grandeza,
Pelas ruas, a herua cresce agora,
E os nobres cavalleiros vão-se à empreza,
Que ao moço rei a juventude inflora.*

*São prestes a partir, aventureiras,
As impavidas hostes altaneiras,
Que a van chimera triumphal consola:*

*No entanto corta o espaço desolado
O «miserere» trémulo, maguado,
Da voz do Jau, a supplicar esmola. . .*



O ROUBO DO PARNASO



O ROUBO DO PARNASO

A sr.^a D. Carolina Michaëlis



— « *Úrna de fundas lagrymas choradas,*
« *Cofre de puras graças matinaes,*
« *Jazigo de esperanças malogradas,*
« *Relicario de estrellas immortaes,*

« *Quem te roubou? que mãos desapiedadas,*
« *Levaram tanto amor e tantos aís?*
« *Minhas brandas canções immaculadas,*
« *Nunca mais heide ver-vos, nunca mais!*

«Mas quando vosso fogo allumiar
«O ergastulo, em que chora a dôr humana,
«Hade ouvir-se um unisono bradar

«De astros, e almas, e lirios, e boninas:
«— Quem é este que na harpa lusitana
«Abate as Musas grêgas e as latinas?»



MATER DOLOROSA



MATER DOLOROSA



*Dorme, emfim, dorme no final repouso,
Pelos beijos da Morte auréolado,
Esse triste guerreiro desditoso,
Na mortalha da Patria, amortalhado.*

*Duma doce vèlhinha o vulto ancioso,
Suspira tristemente, ajoelhado
Ante esse catre ignobil, tendo ao lado
Um Christo de olhar manso e religioso.*

*Ella chorava trémula e curvada,
Á estancia do passado, illuminada,
Lançava ao longe os olhos da saudade . . .*

*Viu da infancia o perfume e o roseo brilho,
E as mãos beijou desse adorado filho,
Que entrava, morto, na Immortalidade!*



EPILOGO



ET NUNC ET SEMPER

A Eça de Queiroz



*E as Idades seguiram, triumphantes.
No descanso do tumulo, os heroes
Dormem na paz herculea dos gigantes,
Allumiados ao fulgor dos soes.*

*Cantae-lhe os hymnos que os faziam dantes
Ir aos prelios homericos; depois,
Achareis que esses epicos atlantes
Ja nem ouvem sequer os rouxinoes.*

*Mas vel-os-heis surgir altivamente,
Nas mãos o gladio heroico, reluzente,
Ao soar, entre os povos e as nações,*

*No ambiente dos Tempos, firme, erecta,
A palavra de luz desse Propheta,
O verbo gigantesco de Camões.*

1884.



INDICE

	PAG.
<i>Carta do sr. Eça de Queiroz</i>	VIII
<i>Prologo — Renascença</i>	2
<i>Na Igreja das Chagas</i>	6
<i>Junto da Boa Infanta</i>	10
<i>O Auto de El-Rei Seleuco</i>	14
<i>Na Derrota da India</i>	18
<i>Olhando o Tejo</i>	22
<i>Na Gruta de Macau</i>	26
<i>O Naufragio</i>	30
<i>Visões do Carcere</i>	34
<i>Eterno Amor</i>	38
<i>Noite Escura de Alma</i>	42
<i>Em Frente da Patria</i>	46
<i>A Leitura da Epopeia</i>	50
<i>Preludios da Catastrophe</i>	54
<i>O Roubo do Parnaso</i>	58
<i>Mater Dolorosa</i>	62
<i>Epilogo — Et Nunc et Semper</i>	66

Preço. . . 300 réis

CAMONEANA

438

B. N. L.

